



O Pensar Desenho: Reflexões Culturais e Interdisciplinares

A MODA ENQUANTO UM DESENHO-REGISTRO:

Um breve panorama do vestuário feminino no século XIX

Ludmila Maltez Carvalho Lima

Mestranda em Desenho Cultura e Interatividade pela UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.
e-mail: ludmila.maltez@gmail.com

Ivoneide de França Costa

Doutora em História das Ciências e da Saúde- COC/FIOCRUZ
Docente do Departamento de Letras de Artes,
Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil
e-mail: neidefc@uefs.br

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer um breve panorama das oscilações das roupas femininas do século XIX a fim de mostrar como o desenho do corpo da mulher foi modificado ao longo do século XIX através das roupas. Pensando a roupa não apenas como um tecido que cobre o corpo, mas como um instrumento da moda que registra os pesamentos e ideologias da sociedade em que foi criada, desenhando o corpo feminino e estabelecendo papel da mulher naquela sociedade, sendo assim um desenho-registro.

Palavras-chave: moda; desenho; registro; roupa; mulher.

Abstract

The purpose of this article is to give a brief overview of 19th century women's clothing and to show how women's body design was modified throughout the 19th century. Thinking of an outfit not just as a covering fabric or a cup, but as a fashion instrument that register the thoughts and ideologies of the society in which it was created, drawing the female body and establishing the role of women in these societies, as well as drawing-register.

Keywords: fashion; drawing; register; woman.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo preliminar da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade na Universidade

Estadual de Feira de Santana. A intenção da pesquisa é estabelecer uma relação entre os dois campos de conhecimento - Moda e Desenho - que vão além do ato de grafar no papel. Partindo do conceito inicial que ambos têm de expressão, através desse estudo será possível entender como a moda (utilizando a roupa como instrumento) de um determinado período registra em si os pensamentos, ideologias, comportamentos, economia, de uma determinada sociedade.

Neste artigo será feito um breve panorama da roupa feminina ao longo do século XIX, a fim de compreender como a roupa (enquanto instrumento material da moda) desenha/modela o papel social da mulher no século XIX, através das formas, texturas, cores, volumes que registravam os pensamento e ideologias da sociedade patriarcal da época, sendo assim um desenho-registro¹ daquela sociedade. A escolha da moda do século XIX se deu porque foi um período de muitas transformações em todo o ocidente, no modo de pensar, na economia na tecnologia, inclusive no desenho do corpo feminino através das roupas.

Devido ao caráter multi e interdisciplinar do Desenho, o qual é um campo do conhecimento científico que vai além de sua instrumentalidade, o que se pretende com essa pesquisa não é apenas descrever a roupa da mulher no século XIX e sim entendê-la como instrumento da moda enquanto fenômeno social que ao vestir o corpo feminino estava imbuída de significados do sistema social da época e dessa forma desenhava uma mulher oitocentista de acordo com o sistema patriarcal, permitindo uma construção histórica que interage com outras áreas do conhecimento por intermédio de um estudo interdisciplinar entre as áreas do Desenho e da Moda.

2. MODA E DESENHO: UM REGISTRO SÓCIO-HISTÓRICO

A moda e o desenho estabelecem uma relação além da sua instrumentalidade, como grafar o croqui de moda no papel. Partindo do conceito básico de ambos os campos de conhecimento, é possível perceber algo em comum entre eles que é a capacidade de expressão e representação. Através desse diálogo será possível entender como o desenho e a moda registram em si os pensamentos, ideologia, comportamento, economia, de uma sociedade em determinado período.

¹ Este termo foi utilizado no texto Desenho Registro e Memória visual: Ideias preliminares sobre Saberes (2010) se referindo ao Desenho como uma narrativa, onde o historiador o transforma em registro histórico, documental, ou científico.

Desde a antiguidade o Desenho já era utilizado como uma forma de expressão, ou seja, a necessidade de representação através da expressão é algo inerente à condição humana. Segundo Gomes (1996, p.13) “O Desenho é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos.” O Desenho é acima de tudo uma ação humana seja ela instrumental ou não, é uma construção, interpretação e recriação do real, através dele é possível traduzir experiências de uma época, enquanto uma projeção, uma expressão, uma representação.

Sendo então o desenho uma forma de registrar o comportamento de uma sociedade, e dessa forma é possível reconhecer a importância do estudo do desenho como um registro histórico. É relevante a importância do Desenho enquanto um elemento representacional de um contexto sócio-histórico quando Gomes (1996, p.15) defende a educação do Desenho, porque o mesmo tem uma “[...] fundamental importância para a compreensão de aspectos da cultura material e, em particular, da influência desta sobre a cultura das idéias e a do comportamento de um povo [...]”, ou seja, o desenho é essencial na compreensão de um contexto sócio-histórico.

Assim o desenho não é somente uma forma de expressão humana, mas também traz em si a ideia de perpetuar a história como uma forma de registro, ou seja, a história pode ser contada por um desenho-registro. E então através da moda de cada período, ou seja, dos valores sociais, e costumes, a roupa desenhava o corpo vestido, principalmente o feminino, e logo registrava em suas linhas, formas, cores e texturas os pensamentos e ideologias da época.

Segundo Cidreira (2005) o termo moda vem do latim *modus* que significa maneira, modo individual de fazer, modo de vida, a forma como as pessoas se expressam. É necessário entender que a Moda enquanto um fenômeno social nem sempre existiu, é uma invenção da cultura Ocidental localizável em determinado tempo e espaço. A moda enquanto o fenômeno social que conhecemos hoje, nem sempre existiu, durante séculos as roupas da civilização egípcia, gregas e romanas, permaneceram imutáveis, apesar da roupa servir como estratificação social.

Foi no final da Idade média e início do Renascimento, em meados do século XIV que a Moda enquanto fenômeno social surgiu. Com a ascensão da burguesia, que para se posicionar socialmente, imitava a elite aristocrata e uma das formas de imitação era através da roupa. A elite aristocrata por sua vez mudava o seu modo de vestir a fim de se distinguir da burguesia, e dessa forma se estabelecia a dinâmica

cíclica da moda, caracterizada pela efemeridade, e pelo comportamento de distinção e imitação, essa instalação do fenômeno moda enquanto representação social, surgiu a partir de uma mudança de pensamentos, e a roupa foi utilizada como instrumento que materializa esse novo comportamento social.

Para Lipovetsky (2009) a distinção e a imitação, não são suficientes para caracterizar a moda, o gosto pelo individualismo que surgiu junto com a ascensão da burguesia, foi um estimulador para a instalação da moda enquanto um sistema social. E foi através dessa relação dual da busca pela singularidade e ao mesmo tempo uma incessante imitação que nasce a valorização do “eu” e do homem com a sua imagem, o que acabou diminuindo a questão da distinção social. Como descreve Pollini:

E é neste contexto que o gérmen da moda floresce. Com esta nova noção de “Eu”, as roupas e as escolhas estéticas passaram a retratar esta vida interior e as pessoas agora se orgulhavam de ostentar uma vestimenta ou um ornamento que refletisse seu novo modo de ser e pensar. E assim chegamos à valorização da novidade e das mudanças. (POLLINI, 2007 p.18).

Dessa forma a moda se instaura na sociedade enquanto o fenômeno social que conhecemos, hoje caracterizada pela ciclicidade e efemeridade. Durante toda a história da Moda é possível perceber que a moda registrava nas roupas valores de acordo com o seu contexto sócio-histórico, e na maioria das vezes esses valores desenhavam a mulher através da roupa.

O século XIX foi um período de transformações políticas e de pensamentos, assim como de avanços tecnológicos, e através desse século é possível perceber como essas mudanças foram registradas nas roupas e como o papel social da mulher era desenhado através da roupa que vestia. Sendo assim é possível entender como a moda se caracteriza enquanto um registro sócio histórico e como se utiliza da roupa através de suas formas, texturas e cores para fazer o desenho do papel da mulher na sociedade.

3. O desenho da Mulher através da roupa ao longo do século XIX

Estudar a Moda é compreender como se deu as mudanças sociais, e dessa forma utilizaremos a roupa como um instrumento material da Moda para entender como esta desenha o corpo feminino e através desse desenho estabelece o seu papel na sociedade, de acordo com os pensamentos de cada período, no caso desta pesquisa

do século XIX. O objeto deste é estudo é o desenho do papel social da mulher através da roupa ao longo do século XIX, mas para entender como se deu esse desenho é necessário primeiro situar historicamente o que estava acontecendo na Europa.

Assim, torna-se necessário entender o contexto sócio-histórico desse período, no qual o mundo vivia em um sistema fortemente patriarcal, como afirma Ximenes (2009) a roupa das mulheres eram feitas por homens para serem olhadas pelos homens. Durante esse período as roupas começaram a sofrer mudanças constantes, ficando ainda mais forte a característica cíclica e efêmera da Moda. Essas mudanças no vestuário feminino modificavam o desenho do corpo da mulher principalmente na região inferior dos quadris, nádegas e ancas.

Dessa forma através de um breve panorama do contexto histórico e social do século XIX será possível entender como e por quais motivos se deram essas mudanças no corpo feminino através da roupa. Considerando que a roupa é um instrumento de comunicação e representação, através da forma, textura e cores estavam registrados os pensamentos sociais daquele período.

No início do século, o desenho do corpo feminino feito pelas roupas estabelecidas no pós revolução francesa chegava mais perto da anatomia natural do corpo feminino, já que libertava a mulher dos espartilhos por exemplo, eram vestidos leves e soltos, pareciam camisolas (figura 1), feito com tecidos mais simples como linho e algodão. A intenção através dessa roupa era passar a sensação de liberdade e simplicidade, o espírito da época pós revolução francesa, onde a mulher conseguiu um breve papel nas manifestações políticas.

Figura 1: Madame Récamier, de François Gérard, 1802.



Fonte: James Laver, 1989

Mas essa liberdade do corpo feminino não durou muito tempo, pois o Comitê de segurança geral, que foi criado durante a Revolução Francesa com a intenção de conter a oposição interna ao governo vigente, temeu que com isso as mulheres ficassem masculinizadas, ao mesmo tempo a mulher passa a ser um dos pilares da igreja, principalmente no que se refere a moral e os bons costumes. O estado tomou a autoridade da Igreja no que se refere às questões familiares, devido ao novo Código Civil, o patriarca passou ainda a ter mais poderes:

Os homens temiam especialmente que as líderes de associações que pretendiam projetar as mulheres privadas nas ações políticas não fossem donas-de-casa, mães de famílias ou moças inocentes que cuidavam dos irmãozinhos menores e, sim, jovens emancipadas de modos e gostos livres - espécie de aventureiras. (XIMENES, 2009, p.32)

A partir de então começou a se estabelecer um controle do papel social da mulher através da roupa, esses controles eram feitos pela igreja, Estado, o homem da família (pai, marido e ou irmão) e também pelos médicos. Como pode ser visto em Ximenes (2009) no início do século a mulher era impedida de socializar, pois a igreja se encarregava de controlar a virgindade das jovens mulheres, a moral e os bons costumes: as mulheres eram impedidas de viajar, frequentar universidades e também de escolher uma profissão, exceto o magistério. Em meio a solidão e melancolia, uma das formas das mulheres buscarem companhia era por meio da literatura, claro que com restrições, e quando crianças por meio de suas bonecas importante instrumento de promoção da sua carreira, pois estava aprendendo a ser mãe desde pequena como afirma Ximenes:

O universo feminino, neste momento histórico, exclui as mulheres de atividades que possam promovê-las social ou politicamente. O ideal feminino oitocentista redefiniu-a como algo entre anjos e crianças, totalmente dependente da figura masculina; sua estrutura frágil e impotente lhe conferia a aparência apreciada. (XIMENES, 2009, p.32)

Dessa forma o desenho de uma mulher livre e ativa em manifestações políticas foi banido no momento em que a roupa pós revolução francesa, adotada no início do século foi deixada de lado. A construção de um novo desenho do papel social da mulher através de uma roupa com cintura marcada

e volumosa se deu não apenas pelo controle da figura masculina sobre esse desenho, mas também por conta da estratégia política de Napoleão Bonaparte em expandir a indústria na França, em competição com a Inglaterra.

A simplicidade e liberdade do pós revolução francesa acaba impactando diretamente na produção de tecidos e também na economia destes, já que o algodão e linho eram tecidos mais simples e barato. Nesta intenção Napoleão adiciona luxo a corte, dando retorno as frivolidades da moda, com o modelo império, assim o corpo feminino volta a ser desenhado com cintura marcada e saia em forma de sino, que deixa o quadril mais largo. Com o intuito de expandir a indústria na França, os tecidos nobres como veludo e tafetá voltam, até porque eles fazem mais volume que algodão e linho.

A partir desse momento o homem começa a desenhar o corpo da mulher através de volumes e formas das roupas. Segundo Ximenes (2009) a valorização da parte inferior da mulher como ancas e quadris se dá a partir da crença que se tinha naquele período, quanto mais arredondada fosse essa região melhor seria a função reprodutora daquela mulher, era uma alusão a mulher reprodutora, mãe, nutridora, ou seja, um desenho de mulher mais feminina possível, um corpo pouco natural mais ficcional, diferente das roupas estilo neoclássicas derivadas do diretório, regime político que antecedeu a Revolução Francesa no século XVIII. Tanto os homens comuns quanto a medicina, acreditavam que o corpo da mulher não era bem desenvolvido. Através desse desenho feito pela roupa fica registrado qual era o papel da mulher naquela sociedade, como descreve Ximenes:

A conduta e comportamento feminino exibiram as virtudes da obediência e submissão. O século da devassidão elitizada ficou para trás, muito embora o século XIX tenha sido conhecido com o século das infidelidades. As figuras e os papéis, tendo como pano de fundo uma sociedade extremamente patriarcal, passaram a denotar novos desenhos para o corpo feminino vestido. (XIMENES, 2009, p.23)

As crinolinas por exemplo, foi um dos objetos que mais desenhou um corpo ficcional da mulher, chegou a proporções gigantescas e surgiu várias sátiras a crinolina (figura 2). Era uma armação feita inicialmente com crina de cavalo e posteriormente com arames e barbatanas de baleia, eram tão pesadas e difícil de vestir que as mulheres não conseguiam se vestir sozinhas

e precisavam da ajuda de empregados. Isso também demonstrava a riqueza do seu marido. À medida que foi passando o tempo mais detalhes iam sendo adicionados a roupa como babados, rendas, pregas, drapeadas, que conferiam volumes nas ancas e quadris.

Figura 2 : George Cruikshank, Desenho da sátira à Crinolina, O Almanaque Cômico, 1850.



Fonte: Denise Pollini, 2007.

As crinolinas também eram conhecidas como *grade* (expressão em inglês e francês) por causa do seu aspecto de gaiola, isso dá vazão a várias analogias, Ximenes (2009) considera que a mulher estava de fato em uma gaiola aprisionada em sua própria veste, pois essas estruturas não dava dinamicidade a mulher, dificultando a mobilização e estabelecia uma distância com outras pessoas principalmente com o sexo oposto. A crinolina e o espartilho fadigava o corpo da mulher o que fazia com que elas ficassem tontas e desmaiassem por falta de ar, dessa forma uma outra tendência comportamental surgiu, a da mulher, frágil e pálida, as mulheres que fossem coradas, eram associadas a pouca feminilidade e grosseira, pois estas eram camponesas e operária, não eram ociosas, segundo Ximenes:

Sua completa ociosidade era a marca do status social do marido. O corpo da mulher representava um suporte e a roupa era o invólucro que arrastava não apenas os novos paradigmas do século XIX, mas também a forma como o corpo da mulher era revelado para os homens. (XIMENES, 2009, p.25)

Em meados do século XIX a mulher começou a socializar através de bailes óperas e teatros. Mesmo saindo de casa, estando exposta em público

elas ficavam em uma espécie de camarote, o que era uma forma de privar a mulher de maiores contatos com outras pessoas especialmente do sexo oposto, essa territorialidade se dá não apenas com o espaço mas também através da própria roupa que devido ao volume e sua forma rodada estabelecia uma distância. Justamente o que Ximenes aborda sobre a roupa-território, onde era uma forma de aprisionar a mulher não só da sua autonomia, mas também em limitar os espaços de convivência:

O corpo feminino sofreu oscilações devido à sociedade e à cultura que responderam por meio da roupagem, indício de um tempo em que pertencer a um espaço privado não se restringia apenas a estar dentro de casa, e, sim, dentro de roupas-territórios que, apesar de oprimirem as mulheres, constituíram um valor erótico inegável. (p. 68)

Todo esse tipo de comportamento e vestuário era uma contradição do período, visto que foi um momento onde teve muitos avanços tecnológicos, como surgimento das ferrovias, automóveis, máquinas de escrever e de costura, ou seja houve um avanço à vida moderna, dessa forma era como se as mulheres tivessem sofrido um retrocesso e não pudessem acompanhar, desfrutar desses avanços, devido as suas roupas pesadas, volumosas e aprisionadora. Com a intenção de desenhar uma mulher, frágil, fértil, sob o olhar erotizado do homem, mais uma vez a mulher dentro da gaiola da crinolina sendo privada da sociabilidade:

A roupa ocupa papel fundamental na comunicação subjetiva reprimida, pois é por meio dela que existe um diálogo da mulher com o mundo exterior. As mulheres estavam em dupla prisão: ficavam trancadas em um espaço privado e, também, em suas roupas, verdadeiras embalagens de tortura, cujo exemplo mais significativo é a roupa interna, composta por espartilhos e saiotas. O diálogo da mulher se fazia pelas roupas e pelo código da sociedade patriarcal: ela precisa ser tola, impotente e bela e, assim, se tornar o objeto máximo de consumo. Percebe-se a figura da mulher vestida tanto como sujeito como objeto. (XIMENES, 2009, p. 41-42)

Laver (1989) associava o tamanho da crinolina a prosperidade material e expansionista, pois a indústria têxtil da França foi muito beneficiada com a demanda de tecidos para conferir volumes. Laver (1989) também criou uma teoria, sobre o erotismo no traje feminino, chamada “zona erógena variável” que dizia que em determinados períodos uma certa parte do corpo feminino precisava ser colocada em evidência, dessa forma:

A mulher rendeu-se ao invólucro como um último escudo para se defender, preferindo ser trancada na roupa, inventada pelo homem, como última fonte de comunicação com o mundo, já que não restava força de expressão na sociedade em questão, assim como elementos da natureza podem ser considerados como eixo ou suporte das metamorfoses [...] (XIMENES, 2009, p.88)

Com o surgimento da Alta Costura na segunda metade do século XIX, a imposição do olhar do homem sobre o desenho do corpo feminino através da roupa continuou. Naquela época o trabalho de costureiro não era valorizado, dessa forma Charles Frederic Worth conferiu a roupa um status de obra de arte, tendo até mesmo assinatura, lançando modelos a cada estação, assim mais um vez o corpo da mulher sendo desenhado pelos homens através da roupa, no caso de Worth um olhar de um artista erotizado e masculino como aponta Gilda Melo em sua obra “O espírito das roupas”, apesar do puritanismo total da época, os homens arranjavam um jeito de satisfazer os seus desejos reprimidos:

[...] sob a rígida organização das sociedades, fluem anseios psíquicos subterrâneos de que a moda pressente essa direção. Na sociedade democrática do século XIX, quando os desejos de prestígios se avolumam e crescem as necessidades de distinção e de liderança, a moda encontrará recursos infinitos de torná-los visíveis. Por outro lado, quando a curiosidade sexual se contém sob o puritanismo dos costumes de uma sociedade burguesa, a moda descobrirá meios de, sem ofender a moral reinante satisfazer um impulso reprimido [...] (SOUZA, 1987. p25)

Daí em diante as oscilações do desenho do corpo feminino a partir da roupa foi ficando ainda mais intensa. A partir de 1860 o volume passou a se concentrar na parte de trás, e as crinolinas perderam o seu protagonismo para as anquinhas, então o objeto de consumo agora a ser observado nas mulheres eram as nádegas, e em 1870 o volume não era apenas dado pelas anquinhas, mas também por detalhes como babados, rendas, drapeados, pregas que viraram protagonistas (figura 3). Avançando um pouco mais para a década de 1880 esses detalhes ficaram ainda mais exagerados causando um volume e destaque ainda maior nas nádegas, uma concentração do olhar para aquela região (figura 4). No caso das anquinhas a classe operária usava, diferente da crinolina, mas é claro que com menos exagero, devido ao custo, quanto mais

exagero, mais drapeado, babado e volume, mais tecido e mais custo, ou seja, quanto mais exagero maior a ascensão social.

Figura 3: Cedo demais, de James Tissot, 1873



Fonte: LAVER, 1989

Figura 4: Vestido de noite e de visita, 1884



Fonte: LAVER, 1989

Em paralelo a isso, por volta de 1881 surgiu um movimento contra esses excessos das roupas que prejudicavam a saúde da mulher, esse movimento foi chamado de “traje racional” ou “traje estético”. Em seguida veio o *belle époque* que chegou no final do século XIX e foi até o início do século XX com a

primeira guerra. Nesse período o corpo da mulher era desenhado em “S”, o espartilho utilizado pelas mulheres descia até os quadris, deixando os seios protuberantes e inclinava a lombar fazendo uma projeção nas nádegas, menos opressor que o desenho da crinolina. Impactado pelas formas orgânicas e sensuais da *art nouveau* e pelas transições que estavam acontecendo no período pré-guerra, se desenhou um novo corpo feminino de acordo com a realidade.

Assim é possível perceber como ao longo do século XIX o desenho do corpo feminino sofreu modificações através das formas, contorno e volumes das roupas e como esse desenho se traduz em uma representação do pensamento daquela época e um registro do papel da mulher naquela sociedade. Pois a roupa escondia o corpo da mulher, devido a sociedade puritana e patriarcal, mas ao mesmo tempo desenhava criando volumes através da sua forma, a fim de satisfazer os desejos masculinos, apesar disso a roupa proporcionava a mulher a condição participativa de se comunicar com a sociedade.

4. Considerações finais

Com isso é possível perceber como ao longo do século XIX o papel social da mulher foi desenhado pelas roupas que registravam através de suas formas cores e texturas pensamentos de uma estrutura social fortemente patriarcal. Através deste breve estudo sobre as roupas das mulheres no século XIX é possível entender como a Moda enquanto fenômeno social utiliza a roupa como instrumento de registro dos pensamentos, e costumes de um período. Assim a roupa é uma representação do contexto sócio-histórico e registra a cultura e economia de um povo de uma determinada sociedade, considerado então um documento/registro visual. Existe aí também uma relação dual da mulher com a roupa, ao mesmo tempo em que ela oprime e erotiza o corpo da mulher, ela possibilita a mulher de participar de espaços sociais.

A fim de fazer uma releitura da história através do desenho projetado pela roupa, tornando possível compreender a relevância da roupa como um

instrumento efetivo na análise do papel social da mulher, sendo um registro indissociável da sociedade que a produz e a veste. As mudanças sociais, econômicas e políticas refletem sobre a roupa e produz o sistema social da moda, e assim é possível compreender como tal sociedade estabelece significados para a vestimenta de acordo com o seu comportamento, esses valores sociais encontram na roupa uma forma de expressão e comunicação, a roupa e a aparência fabricadas pelas sociedades são um desenho da própria sociedade. Ou seja, a roupa enquanto instrumento do fenômeno Moda, não tem apenas a função de cobrir o corpo, mas registra em si os pensamentos, ideologias, comportamentos de determinada sociedade, configurando-se assim um desenho-registro sócio-histórico.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.

GOMES, Luís Vidal Negreiros. **Desenhismo**. 2. Ed. Santa Maria: UFSM, 1996.

LAVER, James. **A Roupa e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. SP: Companhia das Letras. 2009.

OLIVEIRA, Lysie dos Reis; TRINCHÃO, G. M. C. . **DESENHO REGISTRO E MEMÓRIA VISUAL: ideias preliminares sobre saberes**. In: Edson Dias Ferreira. (Org.). **PRODUÇÃO VISUAL: Criatividade, Expressão Gráfica e Cultura Vernacular**. 1ed. Feira de Santana/Santa Maria: UEFS Editora e sDHCs, 2010, v. 1, p. 1-300.

POLLINI, Denise. **Breve História da Moda**. São Paulo: Editora Claridade. 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TRINCHÃO, G. M. C.; OLIVEIRA, Lysie dos Reis .**A História Contada a partir do Desenho**. In: *Graphica 98: II Congresso Internacional de Engenharia Graphica nas Artes e no Desenho e XIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico*., 1998, Feira de Santana. *Graphica 98*. Feira de Santana: UEFS, 1998.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.